



NOTA À IMPRENSA

Archivo Cordero JULIO CORDERO

“Esta exposição é dedicada a todos os que fazem dos seus sonhos um lugar na luta do dia-a-dia e, sobretudo, àqueles que são capazes de projetar horizontes perante muros evidentes.”

Miguel López Pelegrin (curador)

DIA ABERTO À IMPRENSA

28 abril

INAUGURAÇÃO

29 abril, 17h00

Julio Cordero

Fotógrafo boliviano nascido em 1879. Aprendeu as técnicas da fotografia da época de forma autodidacta e tornou-se dono de um dos estúdios de fotografia de renome e dos mais requisitados do século XIX em La Paz. Através destas imagens é fácil construir uma ideia da sociedade boliviana do princípio do século XX e observar as contradições em que se encontrava.



Nuestra venganza es ser felices (Nossa vingança é sermos felizes), 1910-1920



O Arquivo Municipal de Lisboa traz pela primeira vez a Portugal uma selecção de imagens de Julio Cordero, fotógrafo boliviano que desenvolveu o seu trabalho na primeira metade do século XX, na cidade de La Paz, capital da tão desconhecida como apaixonante Bolívia. São pequenas fotografias de época, através das quais é possível estabelecer um primeiro contacto com uma das referências da imagem fotográfica latino-americana.

Esta exposição de fotografia que inaugura no sábado dia 29 de abril, pelas 17h00 no Arquivo Municipal de Lisboa | Fotográfico, sito na rua da Palma, 246, decorre no âmbito da Capital Ibero-Americana de Cultura, Lisboa 2017.

Segundo o curador da exposição, **Miguel Lopez-Pélegrin**, “terá chegado, possivelmente, o momento de reformular a verdadeira história da fotografia latino-americana a partir do entendimento da diversidade como elemento principal e da integração das áreas periféricas como elemento essencial. Como é possível que existam tantas histórias da fotografia latino-americana e em todas se ignorem os fotógrafos bolivianos? – Esta lacuna não foi produzida pela ausência, mas pelo desconhecimento da obra dos fotógrafos que têm trabalhado nas principais cidades da Bolívia. A história da fotografia latino-americana que conhecemos baseia-se em poucos elementos e não explora a diversidade de projetos das complexas sociedades do último século e meio.

Esta exposição é uma pequena aproximação ao mundo imenso e complexo de imagens que existem ainda guardadas no “Archivo Cordero” de La Paz e que, neste momento, se encontram numa fase de estudo. Abre-se uma porta que nos aproxima da história de um país belo e riquíssimo em valores humanos; um país constantemente em busca de um lugar possível num mundo competitivo e devastador, ao qual não parece pertencer.

A Bolívia, como tantos outros países que estão incluídos no terceiro mundo, abre-se ao novo século com os mesmos problemas endémicos com que abandonou o anterior, mas com a esperança de encontrar um espaço, no qual possa viver e se desenvolver com a dignidade merecida por todos os povos.

Através destes retratos, da firmeza e da temperança com que tantas pessoas posam diante da câmara de Dom Julio Cordero, pode-se realizar um percurso pelo passado através da história quotidiana deste povo: casais de namorados, famílias completas, colégios, casamentos, reuniões familiares, celebrações campestres, documentos policiais, registos militares e, sobretudo, rostos que olham, em muitos casos, pela primeira vez, para uma câmara que regista para o futuro, para o qual eles serão sempre o passado.



Reina del mas allá (*Rainha do Além*), 1910

Com estas poucas cenas fotográficas é fácil construir uma ideia da sociedade boliviana do princípio do século XX e observar as contradições em que se encontrava. A Bolívia é um país onde convivem duas culturas radicalmente diferentes: a ocidentalizada, proveniente da sua herança europeia, com valores centrados no Cristianismo e no capitalismo, e a multicultural indígena com a sua comum Pachamana que está presente como em nenhum outro lugar do continente americano e luta para não sucumbir à esmagadora força da economia global.

As legendas das fotografias foram solicitadas pelo dono da coleção, Rafael Doctor, à escritora e ativista anarco-feminista boliviana Maria Galindo, que fez uma releitura poética de cada uma delas, carregada de grande ironia e crítica social.”

Julio Cordero – Bibliografia

Julio Cordero nasceu em Pucarani, uma província no centro do Altiplano boliviano, em 17 de agosto de 1879. Ainda criança, emigrou com o seu pai para a cidade de La Paz à procura de novas e melhores oportunidades de vida.

Em plena juventude, começou a trabalhar como ajudante no estúdio fotográfico dos irmãos Valdés, de nacionalidade peruana, onde aprendeu as técnicas da fotografia da época de forma autodidata.

No ano de 1900, Cordero tornou-se independente e abriu o seu próprio estúdio fotográfico: o Estudio Cordero. Localizado no centro da cidade, oferecia todo o tipo de fotografias: “retratos, famílias, grupos campestres, colégios, locais ferroviários, interiores de fábricas e igrejas”, como mencionavam os panfletos publicitários da época.

Com o seu estúdio, Cordero conseguiu atrair todo o tipo de pessoas, tanto a classe alta como a média, e todo o tipo de eventos. O Estudio Cordero foi um dos mais requisitados da época e tornou-se um estúdio de renome. Segundo o seu neto, isso foi possível graças ao carácter do seu avô; tratava-se de um homem jovial, comunicativo e mestiço, que atendia pessoalmente a sua clientela e aproximava-se do cliente com uma boa conversa para relaxá-lo enquanto preparava a foto e encontrava assim “o momento oportuno”. Cheio de iniciativa, Cordero instalou no estúdio uma loja de artigos fotográficos onde se anunciava como representante de companhias europeias e americanas. Desta forma, o estúdio não tirava somente belíssimas fotografias, como era também muito rentável. É interessante saber que, graças à popularidade do estúdio, Cordero conseguiu ser “Alcalde de Barrio” numa das zonas mais povoadas e mestiças da cidade.

Através do seu vínculo com o Partido Liberal da época, Julio Cordero tornou-se também fotógrafo de vários governos e da própria polícia boliviana, e conseguiu aposentar-se com o grau de capitão. Ao mesmo tempo, manteve excelentes relações com militares amigos. Pode-se ler nos panfletos da época a forma como se dirigia a eles: “O estabelecimento achou conveniente elogiar a distinta e patriótica classe militar com uma baixa de preços”.

Podemos imaginar um homem de origens humildes que entendia bem o seu tempo e com quem devia lidar. Dentro de si, tinha o impulso de quem começa do zero e a necessidade de espaço e reconhecimento social.

O “Archivo Cordero” atinge um volume de milhares de peças. Para além de abarcar todo o tipo de personagens da fotografia e de existir uma surpreendente quantidade de fotos feitas sem pedido, motivadas pelo desejo de retratar uma sociedade complexa (fotos de mendigos, fotos do tipo postal com personagens indígenas, paisagens e todo o tipo de eventos públicos), não ficou esquecido nenhum aspeto da vida social, quotidiana, política e económica, que passaram pelo olhar do fotógrafo.



Todas seremos señoritas
(Todas seremos senhoritas),
1910-1920